

Dossiê Varda

Apresentação: Agnès Varda, uma cineasta heterogênea

Por Luiz Baez

O ano era 1954. François Truffaut publicava o violento panfleto *Uma certa tendência no cinema francês* (*Une certaine tendance du cinéma français*). Contra a chamada “tradição de qualidade”, algo de novo precisava erigir: um prenúncio de novas ondas, ou da *Nouvelle Vague*, acontecimento cinematográfico transformador. Para os “jovens turcos”, como ficaram conhecidos os críticos da revista *Cahiers du Cinéma*, “aprender a ver” e “fazer filmes” era uma e só coisa (BAECQUE, 2010, p. 47). Enquanto os olhares se voltavam para os encontros na Cinemateca Francesa, seiscentos quilômetros separavam-nos de uma *práxis* disruptiva à beira do Mediterrâneo. Sem treinamento em produção cinematográfica e tampouco conexões na indústria, uma jovem de vinte e cinco anos começava a filmar uma vila de pescadores.

“Milagroso” para André Bazin (*apud* CONWAY, 2015, p. 3), *La Pointe Courte* (1955) antecipa em meia década a *Nouvelle Vague*. Antes de Chabrol ou Truffaut, Agnès Varda incorpora a herança do neorealismo italiano e redescobre as locações. Posteriormente, o décimo quarto *arrondissement*, onde viveu a franco-belga desde a sua chegada a Paris em 1951 (CONWAY, 2015, p. 1), seria – mais que cenário – sujeito de *Daguerreótipos* (*Daguerreotypes*, 1976). Nesse sentido, quando não a esquece, uma certa historiografia tende a enquadrá-la no mesmo rol de Claude Chabrol e François Truffaut, junto a Jean-Luc Godard, Éric Rohmer e Jacques Rivette. Se tais homens exerciam devotamente a crítica e a cinefilia (BÉNÉZET, 2014, p. 3), Varda, por outro lado, era uma fotógrafa profissional cuja estética se inspirava na literatura modernista e na pintura renascentista (CONWAY, p. 4).

Incapturável, portanto, pelo grupo dos *Cahiers*, o cinema de Agnès Varda também não se encaixa facilmente na companhia de Chris Marker e Alain Resnais, como quer outra corrente historiográfica. Não obstante a generosa cooperação de Resnais em *La Pointe-Courte* (CONWAY, p. 3), a estreade cineasta adianta-se a transformações técnicas e estéticas almejadas pelos *Rive*

gauche (BÉNÉZET, 2014, p. 3) – o que leva Bazin (*apud* CONWAY, 2015, p. 3) a louvar a combinação da simplicidade documental com a estilização modernista.

Comprometida com as causas da mulher – em 1971 assinou o *Manifesto das 343* –, Varda tampouco se deixa totalizar pelas lentes de uma leitura acadêmica feminista (BÉNÉZET, 2014, p. 3). Sua obra trata, antes, do reposicionamento e da visibilidade de corpos, seja na macropolítica da revolução no curta *Saudações, Cubanos!* (*Salut les Cubains*, 1964), seja na micropolítica do cotidiano em *Cléo de 5 às 7* (*Cléo de 5 à 7*, 1962). Entre os *Cahiers* e os *Rive gauche*, o curta e o longa-metragem, o documentário e a ficção, a película e o digital – a partir de *Os catadores e eu* (*Les glaneurs et la glaneuse*, 2000) –, a tela grande e a televisiva – com séries como *Agnès daqui e dali Varda* (*Agnès de ci de là Varda*, 2011) –, o cinema e a galeria – inicialmente com *Patatutopia* (2003) –, Agnès Varda acumulou mais de 50 créditos de direção até a sua morte em maio deste ano: uma carreira heterogênea, não sem motivo laureada com um Oscar e uma Palma de Ouro honorários (respectivamente em 2018 e 2015).

Luiz Baez

Revisor da Revista ALCEU

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6048-6733>

E-mail: luiz-baez@aluno.puc-rio.br

Referências

BAECQUE, Antoine de. **Cinefilia**: invenção de um olhar, história de uma cultura, 1944- 1968. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BÉNÉZET, Delphine. Introduction: Beginnings. In: _____. **The Cinema of Agnès Varda**: Resistance and Eclecticism. Nova Iorque: Wallflower Press, 2014, p. 1-8.

CONWAY, Kelley. New Wave Cinéaste to Digital Gleaner: Change and Continuity in the Work of Agnès Varda. In: _____. **Agnès Varda**. Champaign: University of Illinois Press, 2015, p. 1-9.